

NEWSLETTER

EDIÇÃO 3

HORACERTA

NEWS

“

WILSON CUMBE

O FUTURO DE
MOÇAMBIQUE
SERÁ CONSTRUÍDO
POR EMPRESAS
CAPAZES DE
INOVAR, CRESCER
E CRIAR
OPORTUNIDADES

”



Queres ter um
website?

Conte para nós
o seu sonho pelo



+258 84 983 3332

MAPUTO ACOLHE MAIOR FÓRUM SEGURADOR DA ÁFRICA ORIENTAL E AUSTRAL

OESAI debate resiliência, investimento e crescimento económico em África

POR: REDACÇÃO

Resiliência, alterações climáticas, inteligência artificial, petróleo e gás, inclusão financeira e mobilização de capital estarão no centro da 48.ª Conferência Anual e Assembleia Geral da Organização das Seguradoras da África Oriental e Austral (OESAI), que decorrerá na capital moçambicana entre 16 e 20 de Agosto.

Maputo prepara-se para receber um dos mais importantes encontros do sector segurador africano. Sob o lema “Construindo Resiliência através de Mercados Sustentáveis e Inclusivos”, a 48.ª Conferência Anual e Assembleia Geral da Organização das Seguradoras da África Oriental e Austral (OESAI) reunirá, no Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano, líderes da indústria seguradora, reguladores, corretores, especialistas e parceiros internacionais para discutir os desafios que moldam o futuro do sector no continente.

O encontro acontece numa altura em que



África enfrenta riscos cada vez mais complexos, desde os impactos das alterações climáticas e das catástrofes naturais até às exigências de financiamento do desenvolvimento, à transformação tecnológica e aos grandes investimentos que emergem em vários países africanos.

Para o Secretário-Geral da Associação Moçambicana de Segura-

doras (AMS), Momade Ali Mucusse, o facto de Moçambique acolher a conferência representa uma oportunidade estratégica para o mercado nacional.

“A Conferência da OESAI representa uma importante plataforma de troca de experiências, conhecimento e estabelecimento de parcerias. Para Moçambique, é também uma oportunidade para aproximar o nosso mercado dos grandes debates que actualmente marcam a evolução da indústria seguradora africana”, afirmou.

A escolha da resiliência como tema central não é por acaso. A agenda da

conferência foi desenhada para responder a desafios que afectam directamente as economias africanas. Entre os assuntos em debate destacam-se a mobilização de capital para o desenvolvimento sustentável, o financiamento de riscos, a gestão das alterações climáticas, a utilização da inteligência artificial e do Big Data, bem como o papel dos seguros nos sectores de petróleo e gás.

Segundo Mucusse, os países africanos enfrentam hoje uma dupla pressão: por um lado, estão cada vez mais expostos a fenómenos climáticos extremos; por outro, necessitam de atrair investimentos capazes de impulsionar o crescimento económico.

“As alterações climáticas e os novos riscos económicos estão a aumentar a exposição das nossas economias. O desafio para o sector segurador é desenvolver capacidade para antecipar esses riscos, absorver perdas e ajudar empresas, famílias e Estados a recuperar mais rapidamente quando ocorrem eventos adversos”, explicou.

Um dos painéis mais aguardados será dedicado à mobilização de capital para o desenvolvimento sustentável e ao papel que o sector segurador pode desempenhar na construção de economias mais resilientes e inclusivas. Para a AMS, continua a existir uma visão limitada sobre a função dos seguros na economia.

“O seguro é também um instrumento de estabilidade económica. Ao proteger investimentos, património e actividades produtivas, cria confiança para que empresas, bancos e investidores possam assumir riscos e financiar novos projectos”, sublinhou Mucusse.

A questão climática ocupará igualmente um lugar de destaque nas discussões. O programa inclui sessões dedicadas ao financiamento do risco climático e à procura de soluções que permitam aos países africanos responder de forma mais eficaz às catástrofes naturais.

Para Moçambique, um dos países mais afectados por ciclones, cheias e secas, o debate assume particular relevância.

“Precisamos de soluções que permitam transferir e distribuir melhor os riscos. O seguro pode contribuir de forma decisiva para reduzir o impacto financeiro das catástrofes e acelerar a recuperação económica das comunidades e das actividades produtivas”, defendeu.

A transformação tecnológica será outro dos grandes temas da conferência. A utilização crescente da inteligência artificial e do Big Data está a alterar profundamente a forma como os riscos são avaliados e geridos pelas seguradoras.

“A tecnologia deve ajudar-nos a conhecer melhor o risco e, ao mesmo tempo, tornar o seguro mais simples e acessível. A modernização do sector é fundamental para aumentar a eficiência, melhorar a experiência do cliente e chegar a segmentos da população que actualmente ainda têm pouco acesso aos seguros”, afirmou Mucusse.

Outro tema particularmente relevante para Moçambique será o crescimento dos investimentos em petróleo e gás. A conferência procurará discutir de que forma as seguradoras africanas podem participar de forma mais activa neste segmento, evitando ficar à margem de projectos de grande dimensão financeira.

“Moçambique está a entrar numa fase de grandes investimentos. É fundamental que o desenvolvimento destes projectos seja acompanhado pelo crescimento da capacidade técnica do mercado segurador nacional. Queremos aprender com mercados e instituições que já possuem experiência nestes riscos e criar oportunidades para a capacitação dos



nossos profissionais”, salientou.

A inclusão financeira também estará entre as prioridades do encontro. Apesar do potencial de crescimento do sector, a penetração dos seguros em Moçambique continua abaixo dos 2%, segundo dados referidos pela AMS.

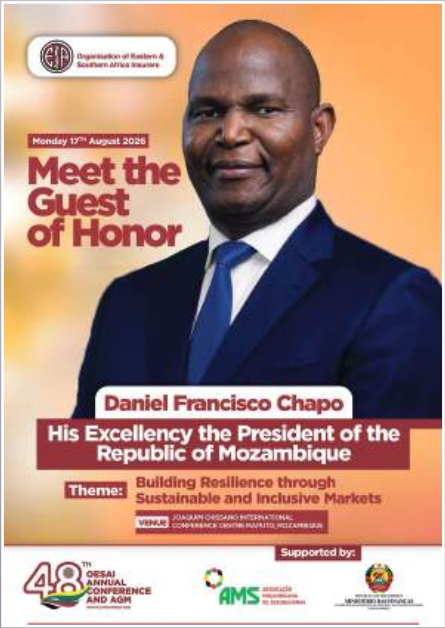
“Um mercado segurador verdadeiramente resiliente precisa também de ser inclusivo. Temos

de encontrar formas de levar o seguro a mais cidadãos, pequenas empresas, agricultores e outros segmentos que continuam pouco protegidos”, defendeu Mucusse.

A conferência contará ainda com a participação do Presidente da República, Daniel Francisco Chapo, na qualidade de convidado de honra, uma presença que a AMS considera um sinal de

reconhecimento da importância estratégica dos seguros para a estabilidade financeira e para o desenvolvimento económico do País.

Mais do que um encontro sectorial, a OESAI pretende afirmar-se como um espaço de reflexão sobre o desenvolvimento económico africano. Como resume Momade



Ali Mucusse, “quando falamos de seguros, estamos a falar de protecção do investimento, estabilidade das empresas, financiamento e capacidade de recuperação das economias”. Por isso, acrescenta, os debates da conferência interessam não apenas às seguradoras, mas também aos bancos, investidores, empresas e governos.

Ao acolher a 48.ª Conferência Anual e Assembleia Geral da OESAI, Moçambique posiciona-se no centro das discussões sobre o futuro do sector segurador africano, num momento em que resiliência, sustentabilidade e inclusão se afirmam como factores decisivos para o crescimento económico do continente.



WILSON CUMBE: “O futuro de Moçambique será construído por empresas capazes de inovar, crescer e criar oportunidades”

Jovem patriota, apaixonado pela família e por Moçambique, o empresário defende que o desenvolvimento do país depende de uma nova geração de líderes capazes de transformar desafios em oportunidades.

Wilson Cumbe é um jovem empresário moçambicano, consultor em criação e desenvolvimento de empresas, gestor e apaixonado pelo potencial de Moçambique. Mais do que os cargos que ocupa, define-se como um patriota que acredita profundamente na capacidade dos moçambicanos de construir um país mais próspero através do trabalho, da inovação e do empreendedorismo.

Para Cumbe, a família representa o seu maior alicerce e a principal fonte de equilíbrio. É nela que encontra os valores que orientam a sua forma de liderar: integridade, responsabilidade, respeito pelas pessoas e compromisso com o futuro.

Recentemente nomeado CEO do Grupo Maputo FoodMart e da Equinox Seguros – Corretores de Seguros, Wilson Cumbe encara a liderança como uma missão de servir, desenvolver pessoas e construir organizações sustentáveis que gerem riqueza, emprego e impacto social.

Num ambiente empresarial marcado por mudanças rápidas, maior exigência dos consumidores e necessidade de inovação constante, defende que a competitividade das empresas moçambicanas dependerá da capacidade de profissionalizar a gestão, desenvolver talentos e criar soluções adaptadas aos desafios nacionais.

Com experiência nos sectores financeiro e empresarial, acredita que liderar organizações vai muito além da tomada de decisões estratégicas. Para ele, o verdadeiro papel de um líder é construir equipas, criar





cultura organizacional e transformar ideias em instituições capazes de gerar valor económico e social.

“As empresas não são apenas números e balanços; são instrumentos de transformação. Cada negócio criado, cada emprego gerado e cada profissional desenvolvido representa uma contribuição para um Moçambique mais forte.”

Da visão empreendedora à construção de organizações

A trajetória de Wilson Cumbe é marcada pelo empreendedorismo e pela procura constante de soluções. Segundo o empresário, os momentos mais importantes da sua carreira foram aqueles que exigiram capacidade de decisão, adaptação e liderança em contextos de incerteza.

“A liderança não é apenas estar no topo. É assumir responsabilidade quando existem desafios, manter a visão quando os resultados ainda não aparecem e inspirar pessoas a acreditarem num propósito maior.”

Para o gestor, a confiança é o principal activo de qualquer líder. Construir relações sólidas com equipas, parceiros e clientes constitui uma das bases para organizações sustentáveis e preparadas para crescer.

Estratégia, profissionalização e crescimento sustentável

Na nova fase da sua carreira, à frente da Equinox Holdings e 3L SA, Wilson Cumbe estabeleceu como prioridades a profissionalização da gestão, a melhoria da experiência do cliente e o crescimento sustentável.

Defende que as empresas nacionais precisam

adotar modelos de gestão modernos, eficientes e preparados para competir num mercado cada vez mais global.

“O sucesso de uma organização depende da combinação entre visão estratégica, disciplina de execução e capacidade de desenvolver pessoas.”

Na sua visão, nenhuma grande organização é construída individualmente.

“Os grandes resultados são sempre consequência de equipas alinhadas por uma visão co-

mum.”

Moçambique: desafios e oportunidades

Apesar dos desafios existentes no ambiente de negócios, o empresário mantém uma visão optimista sobre o potencial económico do país.

Para Wilson Cumbe, Moçambique reúne condições únicas para acelerar o crescimento: recursos naturais abundantes, uma população jovem, localização estratégica e sectores ainda com enorme potencial de expansão.

No entanto, considera essencial transformar esse potencial em cadeias de valor internas capazes de gerar riqueza, conhecimento e emprego.

“Precisamos deixar de ser apenas exportadores de recursos e passar a transformar mais, produzir mais e agregar mais valor dentro de Moçambique.”

Entre os sectores que considera mais promissores para os próximos anos des-

tacam-se a agricultura e agro-indústria, tecnologia, serviços financeiros, logística, turismo, energia e produção alimentar.

O desafio de criar empresas sustentáveis

Na perspectiva do empresário, os empreendedores moçambicanos enfrentam três grandes desafios: acesso ao financiamento, preparação empresarial e capacidade de construir organizações que sobrevivam aos seus fundadores.

“Empreender exige coragem, mas sobretudo disciplina. É transformar uma ideia numa instituição, com processos, pessoas, cultura e capacidade de crescer de forma sustentável.”

Para facilitar a criação e expansão de empresas, defende a simplificação de processos administrativos, melhoria do acesso ao financiamento, fortalecimento da educação empresarial e maior aproximação entre universidades e sector privado.

“Empresas fortes precisam de um ecossistema forte.”



A nova geração de profissionais

Ao abordar o futuro do mercado de trabalho, Wilson Cumbe considera que os jovens precisam combinar formação académica com competências práticas.

“O diploma abre portas. Mas são a capacidade de execução, criatividade, comunicação e adaptação que verdadeiramente constroem uma carreira.”

Defende igualmente que as empresas devem investir mais na formação da juventude através de programas de estágio, desenvolvimento profissional e preparação de futuros líderes.

“Os jovens não devem ser vistos apenas como mão-de-obra. Devem ser preparados para se tornarem líderes, gestores e empreendedores.”

Tecnologia e Inteligência Artificial como vantagem competitiva

Para Wilson Cumbe, a Inteligência Artificial representa uma oportunidade histórica para aumentar a produtividade, melhorar serviços e criar novos modelos de negócio.

“O futuro pertencerá às empresas e aos profissionais que conseguirem combinar inteligência humana com tecnologia.”

A visão para 2035

Ao projectar o futuro do sector empresarial moçambicano, acredita num tecido empresarial mais profissional, mais digital e mais competitivo, capaz de disputar mercados regionais e internacionais.

Defende um modelo de desenvolvimento económico inclusivo, em que o crescimento seja acompanhado pela criação de emprego, fortalecimento das pequenas empresas e melhoria da qualidade de vida da população.

“O desenvolvimento económico não pode ser medido apenas pelo crescimento do PIB. Tem de ser medido pela melhoria da

vida das pessoas.”

O legado de um empreendedor

Quando questionado sobre o legado que pretende deixar, Wilson Cumbe responde sem hesitar: quer demonstrar que é possível construir empresas moçambicanas sólidas, competitivas e capazes de transformar vidas.

A palavra que resume a sua filosofia de trabalho é simples:

Execução.

“Porque ideias sem acção não transformam realidades.”

Aos jovens, deixa uma mensagem de esperança, mas também de responsabilidade:

“É fácil passar o dia a reclamar que o Governo não faz isto ou aquilo. A minha pergunta é outra: o que é que nós estamos a fazer por Moçambique? O Governo tem um papel importante. O sector privado também. Mas o desen-

volvimento de um país acontece quando os seus cidadãos decidem agir.”

PARA O EMPRESÁRIO, É TEMPO DE MUDAR DE MENTALIDADE.

“Em vez de perguntarmos constantemente o que o país pode fazer por nós, devemos perguntar o que cada um de nós pode fazer pelo país. Precisamos de jovens que criem empresas, desenvolvam competências, resolvam problemas e gerem oportunidades para

outras pessoas.”

Wilson Cumbe acredita que Moçambique reúne todas as condições para se afirmar como uma das economias mais dinâmicas de África.

“O futuro de Moçambique que será construído por empresas capazes de inovar, crescer e criar oportunidades, mas também por cidadãos que assumam a responsabilidade de fazer parte da solução. O futuro não pertence a quem espera; pertence a quem decide construir.”



“Mulher para Mulher” cria espaço de escuta e cura emocional para mulheres em Moçambique

Iniciativa liderada pela antiga ministra Helena Kida pretende combater o silêncio em torno das dores emocionais, promover apoio psicológico e reforçar a autonomia feminina.



ANTIGA MINISTRA DA JUSTIÇA, ASSUNTOS CONSTITUCIONAIS E RELIGIOSOS E EX-VICE-MINISTRA DO INTERIOR, HELENA MATEUS KIDA

A antiga Ministra da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos e ex-Vice-Ministra do Interior, Helena Mateus Kida, lançou a iniciativa “Mulher para Mulher”, um movimento de escuta, acolhimento e cura emocional destinado às mulheres moçambicanas.

Promovida pela Helena Kida Initiative, a iniciativa visa criar um espaço seguro de partilha, reflexão e apoio, onde mulheres de diferentes origens sociais possam abordar desafios, traumas e dificuldades vividos no quotidiano.

“Este é um movi-



CIDÁLIA CHAÚQUE - SECRETÁRIA GERAL DA OMM

mento de cura que eu chamo de cura no feminino, porque é um espaço de mulheres convidado para conversar. Quando falamos de cura, falamos também de sentar e conversar sobre situações que preocupam as mulheres e que, muitas vezes, no corre-corre do dia-a-dia, não conseguimos resolver”, explicou Helena Kida.

Segundo a mentora, o projecto não tem carácter político nem religioso, destinando-se a todas as mulheres, independentemente da raça, condição social ou nível de escolaridade.

“Há situações pelas quais as mulheres passam, mas muitas vezes não encontram um fórum para conversar. O objectivo é mostrar que nenhuma mulher está sozinha, principalmente em momentos difíceis como o luto, onde muitas vezes o simples aconchego e a partilha de experiências podem ajudar no processo de recuperação”, afirmou.

A iniciativa foi bem acolhida por diversos sectores da sociedade. Para Delfina Nhatitima, o projecto responde a uma necessidade real de muitas mulheres que enfrentam o sofrimento em silêncio.

“Há muito sofrimento lá fora e muitas pessoas sofrem sozinhas no seu canto. Se existe um espaço preparado para que as mulheres se encontrem, partilhem histórias e sejam encaminhadas, é uma iniciativa bem-vinda”, disse.

Na mesma linha, a Secretária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), Cidália Chauque, considera que o movimento poderá fortalecer a estabilidade emocional das participantes.

“Esta iniciativa vai trazer uma abertura para que as mulheres possam conversar, exteriorizar aquilo que sentem e serem elas próprias a apresentar soluções para os desafios que enfrentam. Será também um momento de alegria, interação e reencontro da mulher consigo mesma”, referiu.

O psicólogo Augusto Guambe sublinhou a importância da criação de espaços específicos para que as mulheres possam partilhar as suas experiências.

“Precisamos de espaços onde as mulheres possam falar sobre elas, sobre as suas dores e os problemas que enfrentam diariamente. As mulheres são cuidadoras, são mães, esposas, profissionais e pessoas ligadas a várias redes sociais, mas também enfrentam problemas que muitas vezes não encontram espaço para serem discutidos e superados”, explicou.

De acordo com a organização, o projecto “Mulher para Mulher — Espaço de Escuta e (Re) Significação das Dores Emocionais” procura responder aos desafios relacionados com a saúde mental e o bem-estar feminino em Moçambique.

A iniciativa disponibiliza apoio psicológico, jurídico, médico e financeiro gratuito,



AUGUSTO GUAMBE



DELFINA NHATITIMA

promove oficinas de empoderamento e geração de rendimento, combate o isolamento e o estigma associado à saúde mental e encaminha casos mais complexos para as redes de apoio do Estado e de parceiros.

Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e do Ministério da Saúde indicam que uma em cada três mulheres em Moçambique já sofreu algum tipo de violência física ou psicológica. A organização alerta que as mulheres residentes nas zonas suburbanas e noutras províncias continuam a enfrentar limitações no acesso a serviços gratuitos e integrados de apoio.

Nos primeiros seis meses de implementação, o projecto prevê beneficiar mais de 200 mulheres, contribuindo para reduzir o isolamento e o sofrimento emocional, reforçar o conhecimento sobre os seus direitos e criar oportunidades de geração de rendimento e autonomia financeira

Banco Letshego apoia musical “O Veredicto” e reforça aposta na cultura moçambicana

Espectáculo dirigido por Zé Pires transforma a cultura nacional em protagonista de um tribunal simbólico e junta música, teatro, dança e artes visuais numa experiência de reflexão social.



Espectáculo dirigido por Zé Pires transforma a cultura nacional em protagonista de um tribunal simbólico e junta música, teatro, dança e artes visuais numa experiência de reflexão social.

Mais do que uma apresentação artística, “O Veredicto” apresentou-se

como uma plataforma de debate sobre a identidade cultural moçambicana. A

obra colocou a própria cultura do país no banco dos réus de um tribunal simbó-

lico, numa narrativa que combinou teatro, música, dança, literatura, poesia e artes visuais.

A proposta diferenciadora da produção permitiu que o público deixasse de ser apenas espectador e assumisse o papel de júri, participando activamente na construção do desfecho da história. A iniciativa procurou aproximar a audiência das questões relacionadas com a preservação, valorização e evolução da cultura moçambicana.

O elenco reuniu nomes consagrados da música nacional, incluindo Roberto Chitsondzo e António Prista, entre outros artistas, numa fusão entre diferentes gerações e estilos musicais, resgatando referências históricas e combinando-as com novas linguagens artísticas.

Letshego destaca papel do sector privado na cultura

O Banco Letshego esteve entre os principais parceiros da iniciativa, assumindo um papel que vai além do apoio financeiro, ao posicionar-se como promotor de projectos ligados à criatividade e à identidade cultural do país.

O Presidente do Conselho de Administração (PCA) do Banco Letshego, David Seie, destacou que a instituição tem vindo a diversificar os seus serviços e a ampliar a sua intervenção na sociedade.

O Centro Cultural Moçambique-China, em Maputo, acolheu a estreia do musical “O Veredicto”, uma produção da ZEP Estúdios, idealizada e dirigida pelo produtor e músico Zé Pires. O espectáculo contou com o apoio do Banco Letshego, que reafirmou o seu compromisso com a valorização da cultura e do talento artístico nacional.





“Os privados, os indivíduos, os pequenos e médios empresários têm hoje uma gama de produtos à sua disposição. Não era só aquele de financiar, mas hoje temos uma oferta diversificada. A expansão do nosso portfólio de serviços visa abranger todas as necessidades da camada cidadina, incluindo o apoio à cultura e à criatividade”, afirmou.

Por seu turno, o CEO do Banco Letshego, Carlos Nhamahango, defendeu uma maior participação do sector empresarial no fortalecimento da cultura nacional.

“A cultura moçambicana precisa de muito suporte e quem deve dar esse suporte, sem dúvidas, somos nós, da comunidade empresarial, por forma a promover ainda mais a nossa cultura”, afirmou.

Nhamahango explicou ainda que o banco pretende continuar a apoiar artistas de diferentes áreas, desde músicos a escritores, pintores e escultores, sobretudo aqueles que valorizam elementos da identidade moçambicana.

“O Banco Letshego gosta de apoiar esses talentos, principalmente aqueles que têm identidade moçambicana”, acrescentou.

Cultura como instrumento de valorização nacional

A produção de “O Verdicto” evidenciou o papel

das parcerias entre o sector privado e a classe artística na promoção de iniciativas culturais de grande dimensão. O projecto procurou não apenas entreter, mas também estimular a reflexão sobre os desafios e as potencialidades da indústria cultural moçambicana.

Para Carlos Nhamahango, o espectáculo superou expectativas e demonstrou o potencial criativo existente no país.

“Não há palavras para classificar esta produção. Não foi apenas Zé Pires, foi cada pessoa que esteve naquela sala e que ofereceu o máximo para trazer um espectáculo memorável”, declarou.

O responsável apelou ainda para uma maior valorização da cultura nacional, defendendo o envolvimento contínuo da sociedade na promoção de artistas e projectos culturais.

“Gostaria de encorajar que todos participássemos mais da nossa cultura, que a promovéssemos um pouco mais, que estivéssemos próximos para garantir a continuidade do que está sendo criado, dando valor e mais força àqueles que querem inovar e trazer mais cultura e mais presença”, concluiu.

